

REFLEXÕES SOBRE TRADUÇÃO NO “DICIONÁRIO ONOMASIOLÓGICO BILÍNGUE DE ITENS LÉXICOS TABUÍSTICOS”

Vivian ORSI*, Claudia ZAVAGLIA**

RESUMO: Este artigo centra sua atenção em um tipo lexical específico: as unidades lexicais que nominam os órgãos referentes às zonas erógenas, para as quais sugerimos um dicionário onomasiológico especial bilíngue. Para a tradução dessa tipologia lexical a reputamos não como uma simples transferência de significados de uma língua de partida a uma outra de chegada mas procuramos estabelecer alguma correspondência entre elas e dicionarizá-las.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução, Lexicografia bilíngue, Metáfora.

ABSTRACT: This paper centers its attention in a specific lexical type: the lexical units that nominate the organs from the erotic zone, for which one we suggest a special onomasiological bilingual dictionary. The translation of this lexical typology is not considered as a simple transference of meaning but we can establish a correspondence between them and add them to the dictionary.

KEYWORDS: Translation, Bilingual Lexicography, Metaphor.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos reflexões sobre o processo de tradução envolvido no esboço de um possível dicionário onomasiológico especial bilíngue em que ocorrem exclusivamente unidades lexicais referentes aos nomes atribuídos à vulva, ao pênis, às nádegas, ao ânus, aos testículos e aos seios em língua portuguesa e italiana.

Entretanto, faz-se necessário que principiemos nossas reflexões pelo léxico abordado: o erótico-obsceno.

O tipo de unidade léxica que selecionamos como objeto de análise é considerado uma linguagem proibida por abranger um domínio sobre o qual se receia falar e que expressa formas estigmatizadas e de baixo prestígio social

*Professora Doutora, UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Departamento de Letras Modernas, *campus* de São José do Rio Preto, SP, Brasil, 15054-000, vivian@ibilce.unesp.br.

**Professora Doutora, UNESP, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Departamento de Letras Modernas, *campus* de São José do Rio Preto, SP, Brasil, 15054-000, zavaglia@ibilce.unesp.br.

Abordar um tema tão relegado como o sexo e as unidades lexicais que atuam na nomeação dos órgãos aqui pesquisados é, primeiramente, um desafio pela ausência de obras que versem sobre esse tipo de linguagem e por conta da sua má reputação social. Entretanto, é um argumento interessante e de acentuada riqueza vocabular e cultural. O sexo consome a humanidade há milhares de anos, todavia não se sabe ao certo qual o seu impacto num idioma. De fato:

Partamos das origens. Nas civilizações mais antigas, como a babilônia e a egípcia, os atributos sexuais eram considerados sagrados, um atributo divino. Graças aos órgãos genitais o homem pode assegurar-se uma descendência, transmitindo os próprios genes e assegurando-se, de certa maneira, a imortalidade.¹ (TARTAMELLA, 2008, s/p., tradução nossa)

Não se pode descuidar das circunstâncias contextuais e extralinguísticas, que particularizam o sentido dessas unidades lexicais. Para compreender as prováveis intenções do falante em manifestar determinado significado subentendido, oculto, é necessário que ele e o destinatário compartilhem de pressupostos comuns atinentes ao conteúdo do enunciado. O leitor/ouvinte do discurso erótico-obsceno – este que expressa, veladamente, uma informação – tem de intervir para entender o significado, preenchendo essa comunicação lacunar. O significado latente é marcado pelo *sema* do erotismo. Sema é a unidade mínima de significação, concretizada em um *semema* – ou seja, um feixe de traços semânticos, que são os semas.

Salientamos por ora que em nosso trabalho *palavrão* é aquele item que ultrapassa o limite da considerada boa decência e da moralidade. “Podemos, então, definir como palavrão um item que não é aceito pelas convenções sociais, cuja utilização em público é sancionável”²(BONA, 2008, p. 21, tradução nossa). Um dos motivos de os palavrões ainda serem inseridos num estudo secundário e prescindível deve-se ao fato de serem concebidos como tabus linguísticos. Em consonância com Arango (1991), podemos afirmar que a lexia obscena, além de retratar uma cultura, revela a essência do ser humano. De acordo com as reflexões de Augras (1989), em variados grupos humanos tudo o que se refere à sexualidade é objeto de proibições. O tabu que delimita e determina essa tipologia lexical

¹Partiamo dalle origini. Nelle civiltà più antiche, come quella babilonese ed egizia, gli attributi sessuali erano considerati sacri, un attributo divino. Grazie agli organi genitali l'uomo può assicurarsi una discendenza, trasmettendo i propri geni e assicurandosi, in un certo senso, l'immortalità” (TARTAMELLA, 2008, s/p.).

²“Possiamo allora definire come parolaccia un termine che non sia accettato dalle convenienze sociali, il cui utilizzo in pubblico sia socialmente sanzionabile” (BONA, 2008, p. 21).

caracteriza-se por ser um sistema de superstições relacionado a valores morais.

Augras (1989, p.41) também destaca que a relação dessas unidades proibidas com a linguagem erótico-obscena está no fato de que,

em todo grupo cultural, há partes do corpo que não se devem sequer nomear. É o caso, entre nós, dos órgãos sexuais, que são designados, ou por jargão médico-científico, ou por palavrões. É que os órgãos sexuais servem para lidar diretamente com o outro, estabelecendo a ligação entre opostos e, por conseguinte, têm de ser objeto de tabus, como tudo aquilo que fomenta um duplo domínio.

É notável que nossa cultura ocidental, distanciada do que se considera primitivo e atrasado, mantém essas interdições, velada ou declaradamente. Trata-se de proibições atribuídas somente aos povos considerados como menos desenvolvidos e ignaros: “Existem, portanto, palavras interditas; sabemos da existência de vocábulos condenados. Descobrimos, assim, nada mais nada menos que... palavras-tabu no nosso mundo civilizado!” (ARANGO, 1991, p. 12). Há uma suposta intuição liberal relativa ao sexo atualmente, mas que se debate com a contraditória postura conservadora relativa ao emprego do léxico erótico-obsceno. O seguinte autor justifica nosso objeto de estudo refletindo que, se

é vedado pronunciar uma palavra, se esta é tabu, então qual é o recurso ou processo de que se lança mão para exteriorizar a ideia expressa por ela, uma vez que se faz mister exprimi-la? O recurso empregado são meios indiretos e meios diretos dissimulados, i.e., substitutos que velem de qualquer modo o ser sagrado-proibido. (GUÉRIOS, 1956, p. 20)

METÁFORAS DO UNIVERSO ERÓGENO

Principiamos esta seção com a seguinte reflexão, capaz de sintetizar o que será exposto a seguir: a metáfora sob o olhar cognitivista não é meramente uma questão de linguagem, não é um adorno, não é uma questão estética, mas demonstra a nossa compreensão de mundo.

As metáforas conceptuais, na qual nos baseamos para esta pesquisa, são culturais. Elas refletem a ideologia e a lente através da qual um grupo de pessoas enxerga o mundo. “Vimos que nosso sistema conceptual se baseia em nossas experiências no mundo”³ (LAKOFF; JOHNSON, 2004,

³*Hemos visto que nuestro sistema conceptual se basa en nuestras experiencias en el mundo*” (LAKOFF; JOHNSON, 2004, p. 160)

p. 160, tradução nossa). As metáforas se baseiam em nossa constante interação com o ambiente físico e cultural em que nos inserimos.

Para acessá-las, normalmente, não se exige esforço, pois elas acionam a metáfora conceptual correspondente em nossa mente. Assim acontece quando empregamos uma metáfora relativa ao universo erótico-obsco, em nosso caso, referente aos itens léxicos usados como substitutos dos nomes oficiais dos órgãos das zonas erógenas. Lakoff e Johnson (2004) afirmam que, de fato, há inúmeros itens que não se podem dizer a não ser por meio de metáforas – é o que acontece com os nomes dos órgãos a que nos dedicamos nesta pesquisa, que são vistos como tabus linguísticos, de acordo com o que expusemos na seção anterior. Para compreendê-las basta haver a pressuposição erótica, em outras palavras, o significado implícito de um lexema precisa ser conhecido e compartilhado entre os interlocutores e deve estar inserido em um contexto erótico-obsco – o qual desempenha um papel importantíssimo para a definição das metáforas. Lakoff e Johnson (2004) atestam que o contexto tem importância fundamental na determinação do significado de uma unidade léxica.

A dimensão ideológica da metáfora, sua relação com os valores e as crenças dos grupos sociais são elaborados histórica e culturalmente (DI STEFANO, 2006, p. 14). Para Lakoff e Johnson (2004), o significado que uma metáfora tem para o falante está determinado culturalmente e está parcialmente ligado a experiências passadas. Por isso, entre culturas as diferenças podem ser enormes, visto que os conceitos presentes em cada metáfora podem ter variações interculturais.

Evidencia-se que várias das lexias referentes à nomeação dos órgãos a que dedicamos nossa pesquisa dependem, em muitos casos, exclusivamente da pressuposição erótico-obsca indicada pela metáfora – comentada acima – para serem compreendidas. É o que se nota no item “banana”, o qual, descontextualizado e desprovido de qualquer conjetura sexual, pode indicar apenas o fruto ou, por outro lado, referir-se ao órgão sexual masculino. Por conta disso se emprega, por exemplo, para o órgão sexual feminino ‘margarida’ e para o aparelho genital masculino, ‘pintinho’. Ou ainda, lança-se a esse uso para expressar, qualificar ou ressaltar características, como o tamanho dos seios: ‘mamões’; ou ‘aro’, para indicar o formato do ânus. Assim, sem notar, criam-se novos nomes para se desviar dos tabus e preconceitos sociais.

Alguns dos itens aduzidos acima, não se restringem à metáfora, eles se incluem nos eufemismos, que é o ato de suavizar a expressão de uma ideia, substituindo um item lexical por outro mais agradável, suave e polido para os padrões sociais em que se insere o discurso. É um tipo de linguagem que atenua uma afirmação para não chocar o ouvinte ou o leitor.

A substituição de certa unidade tabu por outra eufemística supõe

uma crença no poder da unidade léxica, demonstrando que, ao se anular o sentido, se altera a realidade a que esse sentido remete. Falar abertamente em pênis, vulva, nádegas, ânus, testículos e seios pode despertar vergonha e ansiedade ao evocar a própria função sexual em que estão envolvidos, considerada como socialmente imoral. Desse modo, os mencionados órgãos recebem as mais variadas denominações em função do que representam, simbolizam e do que podem despertar em cada ouvinte. O eufemismo ocorre, por exemplo, quando se tenta mascarar o nome técnico do genital feminino e adota-se ‘passarinha’, que de forma branda e eufemística ajusta-se à nomeação do mesmo. Assim como em ‘*dune*’ (dunas ou montes, em italiano) para fazer menção aos seios; ‘*fave*’ (favas, em língua italiana) para os testículos ou ainda ‘anel’ para o ânus.

DICIONÁRIO ONOMASIOLÓGICO ESPECIAL BILÍNGUE

Em relação à arquitetura de nosso dicionário, podemos classificá-lo como onomasiológico por ser organizado por conceitos.

A definição de onomasiologia proposta por Bertoldi (1935 *apud* BABINI, 2006) é de que se refere a um aspecto específico da pesquisa linguística, partindo de uma certa ideia e analisando as formas com que encontrou expressão. Parte-se, assim, dos conceitos relativos a um determinado assunto – em nosso caso as denominações dadas aos órgãos elencados anteriormente – indicando os significantes que a eles correspondem. “A ideia fundamental da ordenação onomasiológica é a de se interessar pelas associações que existem entre conteúdos, seja do ponto de vista da língua, seja do das coisas” (HAENSCH *et al*, 1982, p. 165).⁴

De acordo com Riva (2009, p. 64),

ao longo da evolução da Lexicologia e da elaboração de obras lexicográficas, a onomasiologia era comumente questionada (e muitas vezes deixada de lado) porque se supunha que os dicionários onomasiológicos (analógicos, ideológicos) não apresentavam a objetividade dos dicionários semasiológicos, organizados em uma estrutura alfabética. Defendia-se que na onomasiologia havia certa “abstração”, uma subjetividade idiosincrática, na classificação extralinguística e tais críticas negligenciavam as vantagens

⁴“La idea fundamental de la agrupación onomasiológica es la de tener en cuenta las asociaciones que existen entre contenidos, tanto desde el punto de vista de la lengua como desde el de las cosas” (HAENSCH *et al*, 1982, p. 165).

epistemológicas de uma obra organizada onomasiologicamente (por temas, campos semânticos, conceitos), que, de certa forma, nos incita a uma análise linguística mais profunda da língua.

Ao contrário, para Vilela (1995) a lexicografia é naturalmente uma atividade semasiológica, isto é, que parte de uma palavra, para perscrutar depois seu significado. Expressar ainda que essa ciência tem como escopo mais relevante auxiliar leitores na interpretação e na produção de textos.

Acreditamos, no entanto, que a atividade lexicográfica não se restrinja à semasiologia, ou seja, não se limita à indicação significante-conteúdo. Ela pode também adotar a onomasiologia, a qual traz vantagens porque permite que se agrupem unidades lexicais que compartilham a mesma base metafórica e que se referem a um mesmo campo semântico.

Consoante com Babini (2006, p. 39),

o problema que um dicionário onomasiológico deve resolver é exatamente o inverso daquele de um dicionário semasiológico: dada uma ideia (noção ou conceito), deve-se encontrar a unidade lexical ou o termo que a exprima. Em um dicionário semasiológico, o ponto de partida é o significante de um termo ou palavra; em um dicionário onomasiológico o ponto de partida é o significado.

Dentre as diversas reflexões que abarcaram a onomasiologia, resgatamos a que se baseia no triângulo de Ogden e Richards (1972), cuja teoria nos permite compreender a interdependência entre a semasiologia e a onomasiologia: a primeira realiza um percurso que principia no símbolo (significante) e alcança o pensamento (significado), já a segunda, parte do pensamento (significado) para chegar ao símbolo (significante). Abaixo encontra-se a imagem do referido triângulo:

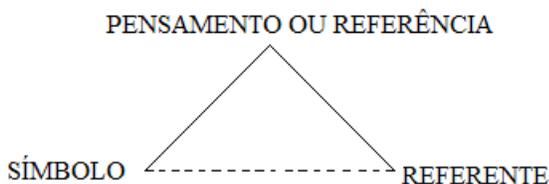


Fig. 1 – Triângulo de Ogden e Richards (OGDEN; RICHARDS, 1972, p. 32).

Consideramos outro assim que,

para nós, a teoria dos triângulos é pertinente porque nos permite compreender, principalmente, a interdependência existente entre a semasiologia e a onomasiologia: a significação, que parte da “forma” (“nome”) para chegar ao “conceito”, e à “designação”, que parte do “conceito” para chegar à “forma” (“nome”). (RIVA, 2009, p. 62)

Além disso, a estrutura onomasiológica, ao contrário da semasiológica, que se funda na polissemia, baseia-se preponderantemente nas relações sinonímicas, pois assume o ponto de vista de quem fala. A semasiologia, por outra senda, dá primazia à perspectiva do ouvinte, do interlocutor, o qual deve discriminar, diante de todas as significações possíveis que se apresentam de uma unidade lexical, aquela que responde à sua dúvida (RIVA, 2009).

Neste artigo, portanto, a amostragem dos verbetes se estrutura onomasiologicamente porque, primeiramente, apresentamos o campo semântico dos nomes oficiais dos órgãos das zonas erógenas, o que equivale ao pensamento (significado), e, em segundo lugar, oferecemos os diversos itens léxicos que podem fazer referência ao nome do órgão em destaque, o que vem a ser o símbolo (significante).

Já em relação à adoção do nome “especial” em nosso dicionário, deve-se à concepção de que, conforme Boutin-Quesnel *et al* (1985 *apud* ZAVAGLIA, 2006), é aquele que descreve itens léxicos selecionados por suas características.

Segundo Xatara (2001), entende-se por “dicionários especiais” as obras de referência cujas unidades lexicais descritas são selecionadas com base em suas características específicas e provindas de todo o repertório lexical de uma língua. Neles recorre-se a uma sinonímia interlinguística e, dessa forma, cria-se um material lexicográfico rico e pormenorizado, por ser mais preciso que um dicionário da língua geral.

O que equivale a dizer que é especial o dicionário que apresenta um recorte dos lexemas de uma língua, ou seja, unidades lexicais específicas de um campo – que em nossa pesquisa se referem ao universo lexical da nomeação dos órgãos atinentes às zonas erógenas.

Além do tipo de organização de uma obra lexicográfica, podemos elencar outras etapas para elaboração de um dicionário: i) a seleção e escolha das entradas, tentando recolher o máximo de unidades possíveis e que ocorrem efetivamente nos discursos; ii) o público a quem se direciona, se para um especialista da área, para um consultor leigo, ou para ambos, e iii) a extensão do dicionário, o qual deve formar sempre um conjunto equilibrado e em conformidade com os objetivos a que se propõe. Num dicionário bilíngue usual, o escopo preliminar é o de auxiliar os consultores a entender um enunciado ou ajudá-lo a produzir outro. Em nosso modelo de dicionário, restringindo-nos ao oferecimento de uma aceção, exemplos

e à classe gramatical a que pertence tal unidade do léxico, com o intuito de auxiliar nos processos tradutórios. Acreditamos, de fato, que a Lexicografia Bilíngue deva buscar todos os equivalentes possíveis de uma unidade da língua de destino, com suas acepções, usos e colocações que a eles corresponde a unidade na língua de partida.

TEORIA DA TRADUÇÃO E PROPOSTA DE EQUIVALENTES

“Os dicionários dão definições através de palavras ou frases que, segundo nos é dado a entender, têm um significado ‘idêntico’, se bem que o problema da identidade seja um ponto a que não poderemos fugir” (PALMER, 1979, p. 14). Com base nessa declaração – de que não se pode fugir do problema das correspondências entre unidades léxicas de línguas distintas – iniciamos nosso estudo acerca das possibilidades de tradução em nosso dicionário.

Para a presente pesquisa, baseamo-nos em duas correntes dos estudos em tradução: a abordagem da modernidade e a da pós-modernidade. Assim, faremos, a seguir, uma sucinta apresentação de alguns dos principais conceitos das duas orientações, atendo-nos, mais especificamente, às noções de equivalência.

Começamos com a vertente da *modernidade*, na qual se crê em significados estáveis e na possibilidade de poder serem transportáveis de uma língua à outra. “A meta é evitar que ocorram perdas, danos, e estragos ao conteúdo transportado. O transporte [...] tem de ser conduzido de forma suave, carinhosa e sem violência” (RAJAGOPALAN, 2000, p. 124). O tradutor é um transportador de significados, neutro. Nessa vertente, não há grandes teorizações sobre o processo tradutório, acreditando-se que todos os tipos de textos poderiam ser traduzidos. A tradução é uma tentativa de se igualar ao texto de partida, é reprodução, espelhamento de significados equivalentes aos do texto original. Segundo Rodrigues (2000a), a noção clássica de equivalência pressupõe a preservação de conteúdos ainda que em contextos diversos e a existência de dois sistemas linguísticos diferentes que conservam elementos aos quais se podem conferir os mesmos valores. A crença na possibilidade de equivalência provém da concepção de língua como sistema de regras objetivas, em que os signos e os valores já estão determinados. Pensa-se num significado fixo, na simetria entre línguas.

Nessa antiga tradição, um significado está embutido na consciência do ouvinte e do falante, motivo pelo qual poderia ser resgatado sem dificuldades. E ainda:

Tradicionalmente concebe-se a tradução como a transmissão do

mesmo sentido ou da mesma forma de um original em uma outra língua. Espera-se que uma tradução reproduza os valores do original em uma troca com equilíbrio, ou seja, que traga em uma segunda língua, equivalentes em sentido ou em forma dos presentes em uma primeira língua. (RODRIGUES, 2000b, p. 91)

E é essa a noção de equivalência que prevalece nos estudos da modernidade.

A tradição da pós-modernidade, no entanto, descarta todas as possibilidades acima elencadas sobre a tradução. Refuta-se a concepção de intercâmbio perfeito, equilibrado, entre uma língua e sua tradução. É nesse momento em que se instaura a *desconstrução*, proposta por Derrida (1998). Ele realiza, entre outras inúmeras elucubrações, a desconstrução do signo saussuriano. Em poucas palavras, o filósofo francês considera que Saussure se contradiz ao instituir a separação entre significante e significado, mas, ao mesmo tempo, alega que são duas faces de uma mesma moeda. Assim, ambos seriam igualmente importantes. Contudo, ao distanciá-los, Saussure acaba por privilegiar a fala, o significante, relegando o estudo do significado. Entre outras críticas, Derrida observa que essa posição de Saussure levaria a um “significado transcendental”, que poderia ser compreendido independentemente da língua – o que permitiria a equivalência entre palavras de várias línguas. Derrida observa que é a união entre significado e significante que produz sentido.

Ao contrário da modernidade, que busca a perfeita equivalência entre o original e a tradução, na concepção desconstrutivista da pós-modernidade repensa-se essa procura, almejando abordar também o papel do tradutor.

Lima e Siscar (2000) elucidam que a desconstrução não é a lógica da inversão, a negação de uma ordem. Nessa corrente, o tradutor é visto como aquele que reescreve o que traduz. Arrojo (1995, p. 31) reforça que “tradução é, na verdade, uma forma de produção de sentido”.⁵ Isto é, o tradutor deve determinar o significado na relação entre leitor e texto traduzido. A reflexão da pós-modernidade tolhe do tradutor a responsabilidade de transportar significados ou de encontrar correspondentes simétricos entre duas línguas.

Mister se faz ressaltar que, apesar de o tradutor ser mais livre para realizar sua função, não significa que ele tenha plena liberdade para agir, para fornecer qualquer interpretação, nem para se apresentar como autor de um texto. Os significados selecionados pelo tradutor devem se encaixar necessariamente nas convenções de seu tempo e de sua comunidade.

Nessa esteira, é válida a reflexão sobre os valores transmitidos no

⁵“translation is in fact a form of meaning production” (ARROJO, 1995, p. 31).

processo de tradução na pós-modernidade: “o signo não reflete uma cultura, uma sociedade, mas garante seus valores e seus significados” (RODRIGUES, 2000a, p.193).

Enfim, a partir de uma

dessacralização do chamado ‘original’ e dos conceitos tradicionais de autoria e leitura, e da conseqüente aceitação de que traduzir é inevitavelmente interferir e produzir significados, num contexto em que se começam a reavaliar as relações tradicionalmente estabelecidas entre teoria e prática [...] a reflexão sobre tradução sai das margens dos estudos linguísticos, literários e filosóficos [...] e assume um lugar de destaque no pensamento contemporâneo filiado à pós-modernidade. (ARROJO, 1996, p. 62)

Neste nosso artigo, a tradução está envolvida na apresentação da amostragem dos verbetes de unidades lexicais referentes ao universo erógeno, propondo equivalentes para as unidades escolhidas. Diante dessa proposição, temos de assumir uma das correntes acima comentadas. Optamos por fazer uma união de ambas, se assim podemos considerá-la. Isso porque acreditamos que adotar apenas uma visão sobre a tradução seria menosprezar o que cada uma tem a oferecer ao nosso entendimento. Ao selecionar as possíveis traduções das unidades lexicais encontradas, mantemos em mente que um dicionário não é capaz de abarcar todo o tema que se propõe suprir e que os significados que possa trazer não são estáveis nem fixos. Xatara, Riva e Rios (2002) relatam que não é possível definir, ao certo, um equivalente em língua estrangeira e nem afirmar que seu uso é idêntico nas línguas estudadas, porém, pode-se estabelecer alguma correspondência entre eles e dicionarizá-los.

As unidades lexicais representam diferentes culturas, assim, o contexto cultural de duas línguas deve ser conhecido no momento da tradução e é necessário empregar equivalentes que sejam os mais próximos possíveis da cultura em questão. “A esfera semântica de uma palavra numa língua não é nunca completamente idêntica à esfera semântica de uma palavra similar em uma outra língua”⁶ (NIDA, 1945 *apud* REY, 1970, p. 266).

Cumprе comentar que as denominações de uma língua frequentemente não dispõem de equivalência exata em outras línguas devido ao fato de se basearem em maneiras distintas de estruturar a experiência do mundo, ou seja, realidades extralinguísticas também interferem na realização de uma tradução.

⁶“La sphère sémantique d’un mot dans une langue n’est jamais complètement identique à la sphère sémantique d’un mot similaire dans une autre langue” (NIDA, 1945, p.194-208 *apud* REY, 1970, p. 266).

Defronte ao exposto, acreditamos que “é verdade que não é possível determinar com exatidão qual o significado único e preciso de um determinado texto, nem tampouco identificar um tal significado com a intenção consciente do autor” (BRITTO, 2003, p. 45), assumindo, assim, uma das afirmações da pós-modernidade. Biderman (2001) reforça que não existem unidades léxicas que possam ser consideradas equivalentes totais, isto devido à riqueza e flexibilidade da língua nos variados usos, sejam eles afetivos, sociais, gírios ou vulgares, sobretudo traduzindo itens linguísticos com valor conotativo alto, como no caso dos palavrões. Deve-se considerar impossível uma tradução totalmente equivalente. Desta feita, o tradutor precisa estar consciente das perdas que comportará o processo tradutório e deve, por isso, fazer uma análise profunda dos conteúdos para poder escolher o que deverá ser sacrificado.

Sustentamos, contudo, que para a tradução de alguns textos, para fins práticos, só se pode oferecer resultados se forem adotados alguns pressupostos (como o uso ponderado de noções de equivalência), que embora possam não pertencer à realidade, são fundamentais. Ao descrever uma unidade lexical em um dicionário, então, almejamos uma pretensa estabilidade e fixidez de significado, agindo como se as traduções sugeridas fossem equivalentes do original e pudessem substituí-lo.

Afirmamos com Britto (2003, p. 48) que a crítica desconstrutivista nos leva a repensar vários conceitos. Todavia, não se pode descartar alguns deles, por exemplo, os conceitos de significado, de original e de equivalência, que são pressupostos da prática de inúmeras áreas, ainda que sejam problemáticos.

Biderman (2001) confere exatidão ao conceito de tradução que adotamos, constatando que no discurso dos dicionários, caso não existisse essa fictícia possibilidade de equivalência, eles não existiriam.

É com este embasamento acerca da possibilidade de tradução dos itens lexicais erógenos, na passagem da língua italiana para a portuguesa que realizamos nossa pesquisa e a amostragem de nosso dicionário.

Para pensarmos na confecção de um dicionário nos defrontamos com os problemas da homonímia, da sinonímia e da polissemia. Os fenômenos mencionados contrariam o que seria desejável na língua, isto é, que a cada significante correspondesse simplesmente um significado, considerando que:

As ideias do autor sobre homonímia e polissemia não só influenciam na estrutura da parte definitória das entradas do dicionário, mas também na decisão de se as indicações sobre conteúdos ou equivalentes de tradução que podem corresponder a um significante léxico podem ocorrer em uma só entrada [...] ou se é preciso fornecer

outras entradas.⁷ (HAENSCH *et al*, 1982, p. 297-298)

Estabelecemos a homonímia como sendo a igualdade de significantes de duas ou mais palavras, de cujo significado difere. Dentro de nossa recolha vocabular isso acontece, por exemplo, com “bimba” e “coisa”, unidades lexicais que se referem tanto ao órgão masculino quanto ao feminino; “airbag” (item proveniente da língua inglesa que serve para nomear a bolsa de ar presente em certos automóveis com intuito de proteger o condutor ou o passageiro em caso de colisão) indica as nádegas em língua italiana, assim como os seios em língua portuguesa e também na italiana. Dois outros exemplos são “buco” (buraco), do *corpus* italiano, designador da vulva e do ânus, assim como “chocolateira”, em língua portuguesa, que se refere concomitantemente aos mesmos órgãos citados antes. Todas essas ocorrências serão consideradas homônimas, dado que desfrutam de um mesmo significante, porém com diversos significados, aparecendo cada uma delas em entradas distintas, já que são unidades lexicais diversas. Berruto (1979) confere que a homonímia é uma unidade que apresenta significados variados, ou seja, inúmeros significados distintos correspondem a um mesmo significante.

Para Berruto (1979) devem-se analisar dois casos acerca desse fenômeno: o primeiro é quando se têm palavras distintas, seja em função de pertencerem a classes gramaticais diferentes ou por diversa etimologia ou por semas diversos.

O outro caso a ser examinado é quando se tem a mesma palavra com significados distintos, o que seria a polissemia. Sinteticamente, esta seria a reunião de vários significados aparentados em um único significante, ou seja, está-se diante de uma única unidade lexical. De acordo com Barbosa (1996, p. 245), “a mesma forma significante [...] ligada a vários feixes de sema ou sememas, diversificados pelas combinações diferentes de semas” define a polissemia.

Para Zavaglia,

A polissemia é um fenômeno que está naturalmente presente em uma língua natural; é um fator de economia e de flexibilidade para a eficiência desse mesmo sistema linguístico. Não importa quantos significados tenha um dado item lexical: dada a influência do contexto, não haverá confusão entre eles se a um certo significado for dado um determinado sentido somente numa situação precisa. (ZAVAGLIA, 2003, p. 244)

⁷Las ideas del autor sobre homonimia y polisemia no sólo influyen en la estructura de la parte definitoria de los artículos del diccionario, sino también en la decisión de si las indicaciones sobre contenidos o equivalentes de traducción que pueden corresponder a un significante léxico se pueden dar en solo un artículo [...] o si se han de repartir en varios artículos” (HAENSCH *et al*, 1982, p. 297-29).

Este fato se verifica com frequência dentro de nosso dicionário, visto que para um mesmo órgão genital se atribuem facilmente vários significantes próximos, aparentados. Basta atentar que somente para o órgão sexual feminino, em língua portuguesa, coletamos mais de três mil itens lexicais, o que só pode se justificar pela imensa variação que uma mesma palavra pode ter, como por exemplo, “boca”, realizada também como “boca cabeluda”; “boca da loba”; “boca da onça”; “boca da vovó”; “boca de baixo”; “boca de bicho”; “boca de cabelo”; “boca de caçapa”; “boca de camelo”; “boca de capim”; “boca de encrenca”; “boca de garrafa”; “boca de jacaré”; “boca de macaco”; “boca de mina”; “boca de mochila”; “boca de pacu”; “boca de pele”; “boca de pelo”; “boca de sacola”; “boca de sapo”; “boca de vampiro”; “boca de veludo”. Lembramos que priorizamos apenas o sema principal em cada verbete, ou seja, o mais aparente e explícito – no caso acima mencionado destacamos o sema /abertura/. Ademais, a separação por campos léxicos nos auxilia na constituição do dicionário, uma vez que entre os órgãos não haverá os possíveis embustes que a tênue distinção entre esses conceitos poderia causar.

Na tradução, a polissemia faz com que a uma unidade léxica de uma certa língua correspondam duas ou mais unidades de outra língua, com diferentes significados relacionados entre si. Dessa maneira, as unidades polissêmicas são catalogadas em uma única entrada, cada qual examinada com zelo para evitar a simplificação indicada acima.

Dentro do dicionário aqui proposto comprovamos que

(...) normalmente o que provoca armadilhas ao tradutor é o fato de a polissemia não ocorrer com os mesmos vocábulos e com os mesmos sentidos em diferentes línguas, de modo que uma palavra pode abranger significados em uma língua que seu correspondente direto na outra não possui. Em alguns casos, verificamos que um item polissêmico pode ter um sentido quando empregado sozinho e outro quando pertence a uma locução, por exemplo. (FRANCISCO; ZAVAGLIA, 2008, p. 117)

Resgatamos que, “no que concerne à homonímia, os significados que são expressos por um mesmo significante são totalmente estranhos um ao outro” (ZAVAGLIA, 2003, p. 249). Portanto, em nossos verbetes, casos considerados homônimos aparecem em entradas diferentes, já os polissêmicos, na mesma entrada.

No que tange à sinonímia, de acordo com Berruto (1979), é o fato de palavras distintas dentro de uma língua terem o mesmo significado. Ela ocorre quando significantes distintos correspondem a um único significado.

Ainda para esse autor, uma forma de se testar ou provar a sinonímia é a possibilidade de comutação em um mesmo contexto. Haverá referido

fenômeno se na substituição de uma unidade léxica por outra na mesma situação, conservando inalterado o restante do contexto, o significado da expressão não sofrer mudança.

Como adverte Berruto (1979), na realidade, é difícil estabelecer uma identidade de significado entre duas unidades léxicas diversas. A troca perfeita dentro de um mesmo contexto ocorre apenas teoricamente. Logo, a sinonímia não existe, visto que existem valores estilísticos, emotivos e sociais que distinguem os itens de significado aparentemente similares. Por esse motivo, o autor emprega o nome “sinonímia em sentido amplo” para tais casos.

Com efeito, a partir dessas considerações inferimos que os itens de nosso repertório são sinônimos quando puderem ocorrer no mesmo contexto, sem que haja nenhuma perda de sentido.

Para a definição das unidades dentro dos verbetes recorreremos aos sinônimos e, se não houver outra possibilidade, à paráfrase, definida como a re-escritura do conteúdo de um segmento utilizando significantes diversos. Haensch *et al* (1982, p. 276) atentam que, “junto à definição por meio de paráfrases, aparece com frequência a explicação mediante sinônimos”⁸.

É com esse embasamento acerca das possibilidades da polissemia, da homonímia, da sinonímia e de tradução dos verbetes na passagem da língua portuguesa para a italiana, que realizamos nossa pesquisa e a na elaboração parcial do dicionário.

No interior de cada verbete apresentamos a classe gramatical a que pertence a unidade léxica, a aceção de caráter erótico-obsceno que conduziu à criação metafórica, exemplos de tal unidade do léxico e o sema predominante. O verbete-modelo com tais paradigmas possui a seguinte configuração:

DIREÇÃO PORTUGUÊS-ITALIANO:

unidade lexical erótico-obscena em português (informação morfossintática): ***equivalente tradutório em italiano*** (informação morfossintática): *contextualização em italiano* (fonte) // *contextualização em português* (fonte). Sinônimo da entrada

Sin. **sinônimo do equivalente tradutório**

u sema: definição referencial da entrada em língua portuguesa que conduz à metáfora

Como se vê, incluímos nos verbetes a unidade lexical contemplada

⁸“Junto a la definición mediante paráfrasis, aparece con frecuencia la explicación mediante sinónimos” (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 276).

como entrada, a informação morfossintática indicativa da classe gramatical a que se refere, o equivalente na outra língua, exemplos que possam contextualizar a unidade nas duas línguas e suas fontes, a definição que levou à metáfora e o sema. O acréscimo deste se mostra uma novidade em meio às ainda raras pesquisas que tratam do argumento das zonas erógenas. Optamos por apresentá-los com o escopo de levar ao conhecimento do leitor qual é o sema atualizado em cada item sugerido para compor a entrada do verbete. Procuramos evidenciar, outrossim, com as contextualizações apresentadas, o item lexical metaforizado associado a um dos órgãos em estudo e sua acepção erótica.

As entradas escolhidas para compor os verbetes provêm dos levantamentos oriundos de dicionários e de itens lexicais que ao longo de nossa pesquisa foram recolhidos. Vale ressaltar que fizemos as coletas especialmente de sites da *internet* direcionados a contos eróticos e de *blogs* juvenis. Isso equivale a dizer que, em nosso *corpus*, figuram unidades lexicais provenientes da fala, da linguagem oral, visto que mesmo nos contos eróticos usa-se uma linguagem mais coloquial e popular – a preferida para o emprego de palavrões. Advertimos que a escolha dessas entradas se deu exclusivamente em função da contextualização, ou seja, sugerimos como entrada para cada verbete a unidade lexical para a qual encontramos um exemplo possível de contextualizá-la, sem contabilizar o número de ocorrências de cada item léxico. Sabemos que algumas das unidades correm o risco de terem sido empregadas uma só vez e por uma só pessoa, ou seja, como idioletos. Contudo, ainda assim, optamos por apresentá-las com sua frequência única – as *hapax legomena* – já que a sua contextualização nos revela seu uso real e efetivo. Por essa razão, registramos, por vezes, entradas de baixa ocorrência que podem parecer estranhas a falantes que empregam usualmente palavrões. Um exemplo retirado de nosso *corpus* usado para nomear o órgão sexual feminino é “fedegosa”, cujo sema em destaque é /cheiro/. Nesse caso, o sinônimo “bacalhau” parece ter uso frequente; o mesmo se percebe com “pomos” e “mamões” relativos aos seios: ambos compartilham do mesmo sema /alimento/, mas o segundo tem uso mais assíduo que o primeiro. O mesmo acontece com a atribuição dos equivalentes, escolhidos também exclusivamente em função da contextualização.

Concernente aos verbetes que se referem ao órgão sexual masculino, conforme comentado no capítulo anterior, o sema /forma/ perpassa todas as unidades que atuam como sinônimos de pênis. Por isso, apresentamos outros semas, diferentes deste, que também podem ser encontrados no interior de cada item da entrada. O mesmo ocorre com muitos dos itens relacionados aos seios, em que o sema /forma/ é evidente, mas igualmente entre eles podemos visualizar ainda outros semas.

Ademais, no interior dos verbetes, os itens léxicos arrolados podem sofrer variação ortográfica, como por exemplo, (i) a alteração de ch por x, como em “chota” e “xota” que indicam o órgão sexual feminino em língua portuguesa e (ii) a variação quanto ao gênero da entrada como “*banano*” ou “*banana*”, os quais em italiano fazem referência ao órgão genital masculino.

Relativo à ilustração, isto é, à apresentação de um item inserido num contexto selecionado, ela ocorre, como explicitado, por meio de exemplos recolhidos de obras erótico-obscuras, tais como revistas pornográficas e de sites da *internet* de mesmo teor, especialmente referentes a contos eróticos.

Tomamos tais indicações como suficientes para sanar possíveis dúvidas ou curiosidades do consultor. Como visto na configuração dos verbetes, com todas as entradas em mãos, em português, propomos a tradução para o italiano de cada uma delas.

Observa-se, uma vez mais, que em nosso esboço dicionário bilíngue privilegiamos o uso de sinônimos da palavra-entrada, partindo do pressuposto que um item lexical de uma língua pode ser definido e compreendido por um equivalente na língua de chegada.

VERBETE

Apresentamos a seguir uma amostragem de um dos verbetes de nosso dicionário das zonas erógenas.

Campo semântico: PÊNIS

banana (s.f.s.): *banana* (s.f.s.): *Mi guardava sorridente e invitante mentre lo accarezzavo sui fianchi e appoggiavo la mia **banana** nel*

solco delle sue chiappe. (www.clubclassic.net/racconti/story353.html) // (...)

mama na minha banana vai! isso putinha, chupa! aaaahhhh... que delícia de boquinha! (www.contoerotico.com.br/princ.htm).

Mangará; manguito; pacova; penca

Sin.: *banano; bananone*

alimento: genitália masculina envolvida na feleção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos ter deixado evidente nossa concepção sobre a tradução dessa tipologia de item lexical, não a reduzindo a uma simples transferência de significados. Com a amostragem desses verbetes, pretendemos poder contribuir para a pesquisa lexicográfica bilíngue e colaborar para o

preenchimento do hiato existente no mercado lexicográfico brasileiro, relativo à confecção de obras bilíngues especiais onomasiológicas na direção português-italiano, principalmente sobre esse tema – ao qual ainda se atribui pouco valor, mas que possui lexical e culturalmente uma riqueza significativa.

Para Tartamella (2006, p. 84), “confrontar os palavrões de línguas diversas (o turpilóquio comparado) é interessante também por outro motivo: serve para compreender se de uma cultura a outra existem elementos constantes (as palavras usadas para o sexo e os excrementos são vulgares em qualquer latitude?) e quais são os modos de ver as mesmas realidades (...)”.⁹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANGO, A. C. **Os palavrões**. (Trad. de Jasper Lopes Bastos). São Paulo: Brasiliense, 1991.

ARROJO, R. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. **Cadernos de tradução**. Florianópolis: NUT, v. 1, p. 53-69, 1996.

_____. The death of the author and the limits of the translator visibility. In: SNELL-HORNBY, M. **Translation as intercultural communication**. Amsterdam: John Benjamins, p. 21-32, 1995.

AUGRAS, M. **O que é tabu**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BABINI, M. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. **Ciência e cultura**. São Paulo: v. 58, n. 2, p. 38-41, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 ago. 2009.

BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**. São Paulo: Plêiade, 1996.

ERRUTO, G. **La semántica**. México: Nueva Imagen, 1979.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BONA, A. F. **Il turpiloquio nel serial**: approccio alla traduzione. Milano: 2008, 54f. Tesi di laurea. (Laurea in Mediazione Linguistica e Culturale), Università degli Studi di Milano. Disponível em: <http://www.focus.it/Community/cs/blogs/vito_dixit/default.aspx>. Acesso em: 09 fev. 2009.

BRITTO, P. H. Desconstruir para quê?. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: NUT, v. 8, p. 41-50, 2003.

⁹ *Confrontare le parolacce di lingue diverse (il turpilóquio comparato) è interessante anche per un altro motivo: serve a capire se da una cultura all'altra vi sono elementi costanti (le parole usate per il sesso e gli escrementi sono volgari a ogni latitudine?) e quali sono i modi di vedere le stesse realtà (...)* (TARTAMELLA, 2006, p. 84).

DERRIDA, J. Carta a um amigo japonês. (Trad. De Érica Lima). In: OTTONI, P. (org.). **Tradução: a prática da diferença**. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp, 1998.

DI STEFANO, M. Introducción. In: _____. (org.) **Metáforas en uso**. Buenos Aires: Biblos, 2006.

FRANCISCO, R; ZAVAGLIA, C. **Parece mas não é: as armadilhas na tradução do italiano para o português**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

GUÉRIOS, R. F. **Tabus linguísticos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1956.

HAENSCH, G. *et al.* **La lexicografía**. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

LAOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas de la vida cotidiana**. Madrid: Cátedra, 2004.

LIMA, E.; SISCAR, M. O decálogo da desconstrução: tradução e desconstrução na obra de Jacques Derrida. **Alfa**. São Paulo: v. 44, p. 99-112, 2000.

OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. **O significado de significado**. (Trad. de Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

PALMER, F. R. **A semântica**. Lisboa: Edições 70, 1979.

RAJAGOPALAN, K. Traição *versus* transgressão: reflexões acerca da tradução e pós-modernidade. **Alfa**. São Paulo, n. 44, p. 123-130, 2000.

REY, A. **La lexicologie**. Paris: Klincksieck, 1970.

RIVA, H. C. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa no Brasil**. São José do Rio Preto: 2009, 311 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: Editora UNESP, 2000a.

_____. Tradução: a questão da equivalência. **Alfa**. São Paulo: n. 44, p. 89-98, 2000b.

TARTAMELLA, V. **Parolacce**. Perché le diciamo, che cosa significano, quali effetti hanno. Milano: BUR, 2006.

_____. **Parolacce. Il blog di Vito Tartamella**. Disponível em: <http://www.focus.it/Community/cs/blogs/vito_dixit/default.aspx>. Acesso em: 10 out. 2008.

VILELA, M. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.

XATARA, C. M. Dicionário de expressões idiomáticas. **Idioma**. Rio de Janeiro: UERJ, v. 21, p. 19-22, 2001.

XATARA, C. M.; RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C. As dificuldades na tradução de idiomatismos. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: NUT, v. 8, p. 183-194, 2002.

ZAVAGLIA, C. Ambiguidade gerada pela homonímia: revisitação teórica, linhas limítrofes com a polissemia e proposta de critérios distintivos. **Delta**. São Paulo: v. 1, n. 19, p. 337-266, 2003.

_____. Dicionários e cores. **Alfa**. São Paulo: v. 50, p. 25-41, 2006.